



Narrativas em Saúde como prática de cuidado

Marta Orofino ¹
Elisandro Rodrigues ²

O uso de métodos narrativos que ajudem o trabalhador da saúde a operar novas possibilidades de contar e escutar sobre diversos horizontes e perspectivas de histórias de vidas não é novo na humanidade, pois “desde o célebre triângulo hipocrático – médico/doença/doente – que a narrativa da doença por parte do último foi reconhecida como elemento integrante do encontro clínico. Não se trata, pois, de novidade” (FERNANDES, 2014, p. 289-290).

São vários os elos que podemos traçar entre a produção do cuidado e humanidades, colocando em destaque a literatura. De entre muitos, podemos lembrar a extensa obra do psicanalista Sigmund Freud, construída na trama de relatos da sua experiência clínica e os estudos a partir de obras literárias - principalmente as de Goethe e Shakespeare - bem como de mitos, lendas e contos populares (TEIXEIRA, 2005).

Identificamos nas duas últimas décadas um novo movimento de aproximação do uso das narrativas e a ética da prática do cuidado em saúde, onde a percepção acerca da singularidade de cada caso emerge do ato de narrar. Deve-se a isso, em certa medida, o trabalho realizado em torno do conceito de Medicina Narrativa (MN) enquanto ferramenta de lidação com as humanidades em saúde.

O conceito de Narrativa em Saúde começou a aparecer no início dos anos 80. A partir da década de 1990, a médica e linguista norte-americana Rita Charon inaugura um novo estudo das narrativas neste campo. Com o entendimento de que a prática médica exige uma competência narrativa, ou seja, uma capacidade de identificar e representar a passagem do tempo e recapitular acontecimentos a partir das histórias contadas pelos pacientes, para que uma relação empática e cuidadosa seja construída, Charon lança mão dos estudos da Literatura como ferramenta para subsidiar o desenvolvimento de habilidades de leitura e interpretação no diálogo com o paciente, bem como a percepção dos próprios desafios do exercício profissional.

Criadora do termo *Narrative Medicine* (NM) para se referir a uma metodologia que aposta em uma prática médica centrada no paciente, em sua escuta com atenção e empatia, Charon (2006, p. 07) define a MN como “a prática médica voltada para competências narrativas que buscam reconhecer as histórias das doenças, absorvê-las, interpretá-las e ser tocadas por elas”. Assim, inaugura em 2000, na Universidade de Columbia, o Programa *Narrative Medicine*, onde destaca a relevância do conhecimento narrativo para

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2017). Terapeuta Ocupacional e líder do grupo de Pesquisa Narrativas em Saúde no Grupo Hospitalar Conceição. Desenvolve processos educacionais para profissionais de saúde vinculado Instituto de Ensino e Pesquisa do Hospital Sírio Libanês.
<https://orcid.org/0000-0002-0841-7308>
<http://lattes.cnpq.br/0767719744045953>
martaorofino@gmail.com

² Editor assistente Cadernos de Ensino e Pesquisa em Saúde. Pedagogo; Doutor em Educação [Unisinos]; Mestre em Saúde Coletiva [UFRGS]; com Residência em Saúde Mental Coletiva pela UFRGS/EduSaúde; Especialista em Educação em Saúde Mental Coletiva [UFRGS]; Especialista em Tecnologias da Informação e da Comunicação Aplicadas à Educação [UFSM]. Orientador de trabalhos de conclusão de curso da Escola GHC (Residência, especializações, cursos técnicos). Técnico em Educação na Escola GHC - Grupo Hospitalar Conceição.
<https://orcid.org/0000-0002-9146-4841>
<http://lattes.cnpq.br/4466204282399825>
relisandro@ghc.com.br



o diagnóstico e sugere que a prática médica deva incluir a competência de interpretar as histórias de doença a fim de melhor atender à experiência pessoal. A partir deste momento a NM é reconhecida enquanto uma nova área interdisciplinar – compartilhada e aplicada em países como os EUA, o Canadá, Reino Unido e Portugal - oferecendo uma moldura de humanização na resposta à doença e ao sofrimento, complementar aos desenvolvimentos da Medicina Baseada na Evidência. Para Charon (2017) a MN tem seu início como uma rigorosa disciplina intelectual e clínica voltando a pensar a assistência médica no momento em que se reconhece, absorve e interpreta as histórias de outras pessoas. Nasce de um movimento que busca trabalhar com outra perspectiva no campo de uma medicina reducionista e fragmentada que pouco vê as singularidades. Charon (2017) escreve “as habilidades narrativas tem o poder de melhorar os cuidados de saúde”.

A Narrative Medicine (NM) (CHARON, 2001), ou Medicina Narrativa (MN) - como utilizada no Brasil e em Portugal -, busca reconhecer que avanços da ciência médica, por si só, não fornecem todas as bases e respondem às necessidades que a complexidade de um genuíno e profícuo encontro entre pacientes e profissionais demanda, podendo o campo das humanidades trazer boas e significativas contribuições (FERNANDES, 2014).

No Brasil, a proposta do método anglosaxônico de Charon não dá conta da complexidade envolvida no encontro clínico pautado por uma Política Nacional de Humanização (BRASIL, 2004) no contexto do Sistema Único de Saúde (SUS) bem como da articulação das práticas ao debate em curso acerca do processo de formação de profissionais da área da saúde. No SUS, desde o seu início, anterior a aprovação da Constituição Federal de 1988 e, posterior regulamentação pela Lei Orgânica da Saúde – Lei 8080/90 -, a prática do cuidado em saúde direcionou-se para conceitos que envolviam a escuta qualificada através da universalidade do acesso e da integralidade da assistência. Para Deleuze (1997) a literatura surge como uma tarefa de saúde que vem dos movimentos de registrar a vida no cotidiano, o que se vê e se escuta, que abre passagem para novas produções de sentidos. O trabalho humanizado no SUS parte, em grande parte, desse registrar e compartilhar o vivido nos espaços de saúde.

Atualmente, o desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes que valorizem o olhar para o sujeito e suas necessidades é preconizado por meio de princípios e diretrizes comuns às Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) dos cursos de graduação da área da saúde. Neste contexto, entendemos que no campo da saúde as possibilidades de narrativas são múltiplas, reforçando uma prática clínica humanizada, fortificada pela capacidade de sabermos o que se pode fazer com as histórias que se escuta. É uma prática complementar ao fazer clínico, que auxilia na compreensão das consequências que as histórias, que são contadas, nos entendimento de que a prática do cuidado em saúde exige uma competência narrativa, atendimentos, podem produzir outros efeitos no tratamento e no cuidado em saúde.

Mais do que aproximar o campo das humanidades aos processos de cuidado em saúde, a proposta é seguir promovendo encontros entre todos os agentes, sujeitos narradores que compartilham seus saberes, experiências e expectativas sem abrir mão da objetividade que é o trabalho em saúde - ou seja, de resolver problemas, construir objetos, conjuntamente, para uma intervenção transformadora.

Em uma entrevista realizada em 2010, que encontra-se disponível no site da Rede Humaniza SUS com o título “Medicina Narrativa”, Rita Charon comenta que MN é uma prática clínica fortificada pela capacidade de sabermos o que fazer com as histórias. Nesta entrevista conta que o nome surgiu nos meados dos anos 2000 quando procurava um título para um artigo que escrevia e que iria nomear de hemisfério narrativo da medicina mas que não achou o nome interessante, diz que poderia ter usado outras expressões como Saúde Narrativa ou Cuidados de Saúde Narrativos por que a prática



narrativa não é de exclusividade dos médicos. Charon afirma que manteve o nome Medicina Narrativa por ser médica e pelo programa ter iniciado em um Departamento de Medicina da Universidade de Columbia.

Dessa forma, se faz importante, ampliarmos a compreensão semântica do conceito de Medicina Narrativa para todo o campo e área da saúde. Pensar, quem sabe, balizados pelas práticas desenvolvidas desde antes da criação do SUS, em Narrativas em Saúde para qualificar o processo de cuidado em saúde ancorados pela prática literária.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei 8080 de 19 de setembro de 1990*. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Diário oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 18055-18059, 20 de setembro de 1990; BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Presidência da República, 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Humanização: Documento base para gestores e trabalhadores do SUS. Brasília, 2004.

CHARON, Rita. Narrative and medicine: A Model for Empathy, Reflection, Profession and Trust. *JAMA*, October 17, 2001-vol 286, Nº.15.

CHARON, Rita. Narrative medicine: honouring the stories of illness. Oxford: Oxford University Press; 2006.

CHARON, Rita; et. al.. *The Principles and Practice of Narrative Medicine*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. São Paulo; Ed. 34, 1997.

FERNANDES, Isabel. A pertinência da Medicina Narrativa na prática clínica. *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar*. 2014, vol.30, n.5.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. O lugar da literatura na constituição da clínica psicanalítica em Freud. *Psyche (Sao Paulo)*, São Paulo, v. 9, n. 16, p. 115-132, dez. 2005.

Como referenciar este artigo (ABNT):

OROFINO, Marta; RODRIGUES, Elisandro. Narrativas em Saúde como prática de cuidado. *Cadernos de Ensino e Pesquisa em Saúde*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 05-07, 2022.

